

O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE ARAPIRACA/AL NO LIMIAR DO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XXI

The industrialization process of the Immediate Geographic Region of Arapiraca/AL on the threshold of the first quarter of the XXI century

El proceso de industrialización de la Región Geográfica Inmediata de Arapiraca/AL en el umbral del primer cuarto del siglo XXI

Clevisson José da SILVA – Universidade de São Paulo (USP)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8680-2917>

URL: <http://lattes.cnpq.br/2705872100220587>

EMAIL: clevissonsilva@usp.br

Antonio Alfredo Teles de CARVALHO – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9931-8243>

URL: <http://lattes.cnpq.br/7576677974638781>

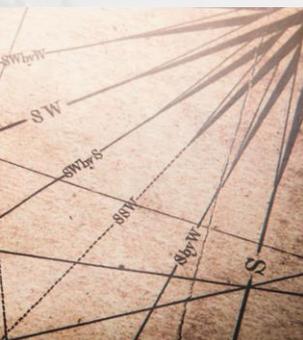
EMAIL: acarvalho@igdema.ufal.br

Dhiego Antonio de MEDEIROS – Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8648-3960>

URL: <http://lattes.cnpq.br/5707046948089920>

EMAIL: dhiego.medeiros@uneal.edu.br



Histórico do artigo

Recebido: 02 dezembro, 2022

Aceito: 16 março, 2023

Publicado: 09 agosto, 2023

RESUMO

O artigo analisa a atividade industrial na Região Geográfica Imediata de Arapiraca (RGIA) a partir dos usos do território empreendidos especialmente pelas indústrias locais, revelando seus modos de operação. Para tanto, utiliza-se de uma metodologia alinhada em três pilares principais: pesquisa bibliográfica, com levantamento da literatura necessária à investigação; pesquisa documental, com busca e seleção de documentos técnicos e de dados secundários produzidos por órgãos oficiais; e ainda pesquisa de campo, com realização de entrevistas e aplicação de questionários. Os principais resultados apontam que: a) a indústria da RGIA é constituída principalmente de iniciativas locais, com uma forte centralidade no município de Arapiraca; b) as indústrias da região analisada são, sobretudo, empresas de pequenas e médias dimensões, desempenhando mormente atividades nos ramos de alimentos e bebidas, materiais plásticos, móveis e pré-moldados de concreto; e, c) as indústrias locais usam o território como fonte de recursos e como abrigo. Ademais, a análise dos dados primários obtidos na pesquisa de campo possibilitou a caracterização da indústria da RGIA, a compreensão da natureza dessas atividades, de sua organização e das suas estratégias de capilaridade, permitindo a apreensão das especificidades que possibilitam uma dinâmica econômica com a participação de diversos setores industriais nessa região.

Palavras-chave: Indústrias locais; Usos do território; Centralidade industrial; Planejamento territorial. Crescimento econômico.

ABSTRACT

The article analyzes the industrial activity in the Immediate Geographic Region of Arapiraca (RGIA) from the uses of territory undertaken especially by local industries, revealing their modes of operation. For this purpose, a methodology aligned in three main pillars is used: bibliographical research, with a survey of the literature necessary for the investigation; documental research, with search and selection of technical documents and secondary data produced by official bodies; and also field research, with interviews and application of questionnaires. The main results indicate that: a) the industries of RGIA are mainly constituted by local initiatives, with a strong centrality in the municipality of Arapiraca; b) the industries of the analyzed region are mainly small and medium-sized companies, performing activities in the fields of food and beverages, plastic materials, furniture and precast concrete; and, c) local industries use the territory as a source of resources and also as shelter. Moreover, the analysis of primary data obtained in the field research allowed the characterization of RGIA's industry, the understanding of the nature of these activities, their organization and their capillarity strategies, allowing the apprehension of the specificities that enable an economic dynamic with the participation of several industrial sectors in this region.

Keywords: Local industries; Territory uses; Industrial centralit;. Territorial planning; Economic growth.

RESUMEN

El artículo analiza la actividad industrial en la Región Geográfica Inmediata de Arapiraca (RGIA) a partir de los usos del territorio realizados especialmente por las industrias locales, revelando sus modos de funcionamiento. Para ello, se utiliza una metodología alineada en tres pilares principales: investigación bibliográfica, con relevamiento de la literatura necesaria para la investigación; investigación documental, con búsqueda y selección de documentos técnicos y datos secundarios producidos por organismos oficiales; y también investigación de campo, con entrevistas y aplicación de cuestionarios. Los principales resultados indican que: a) la industria de la RGIA está constituida principalmente por iniciativas locales, con una fuerte centralidad en el municipio de Arapiraca; b) las industrias de la región analizada son en su mayoría pequeñas y medianas empresas, que realizan actividades principalmente en los sectores de alimentación y bebidas, materiales plásticos, muebles y prefabricados de hormigón; y, c) las industrias locales utilizan el territorio como fuente de recursos y también como refugio. Además, el análisis de los datos primarios obtenidos en la investigación de campo permitió la caracterización de la industria de la RGIA, la comprensión de la naturaleza de estas actividades, su organización y sus estrategias de capilaridad, permitiendo la aprehensión de las especificidades que posibilitan una dinámica económica con la participación de varios sectores industriales en esta región.

Palabras clave: Industrias locales; Uso del territorio; Centralidad industrial; Ordenación territorial. Crecimiento económico.

1 INTRODUÇÃO

O artigo analisa a atividade industrial na Região Geográfica Imediata de Arapiraca (RGIA) a partir dos usos do território¹. A metodologia utilizada à sua realização teve como

¹ Adotou-se a acepção de indústria no sentido *lato*, como na perspectiva marxiana, onde não se restringe indústria a setor/ramo industrial etc. Pode-se, portanto, falar da economia industrial como o processo produtivo

base inicial uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, seguida de pesquisa documental com foco em documentos normativos, relatórios técnicos e dados secundários produzidos por órgãos oficiais. Uma terceira etapa consistiu na pesquisa de campo, com realização de entrevistas e aplicação de questionários junto aos representantes da Federação das Indústrias do estado de Alagoas (FIEA) e das indústrias instaladas na região analisada.

Instituídas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2017, a divisão do Brasil em Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas, leva em consideração os atuais processos sociais, políticos e econômicos. Divide as unidades da federação de acordo com variáveis representativas das dinâmicas espaciais, como a configuração da rede urbana, a hierarquização dos centros urbanos, os fluxos de gestão do território e as regiões de influência das cidades. Nessa perspectiva, o estado de Alagoas está dividido em 11 Regiões Imediatas e em duas Regiões Intermediárias conforme mostra a figura 01 (IBGE. 2017).

Figura 01 – Estado de Alagoas: Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias



Fonte: IBGE, 2018 [Malha Municipal]; IBGE, 2017; SEPLAG/SINC/GGEO, 2019.

em si, ou seja, o “governo” dos meios de produção e da força de trabalho, já que tudo o que valoriza o capital é mercadoria, e essa é uma “forma social” (MARX, 1983).

A atividade industrial na RGIA é representada especialmente pela presença de iniciativas locais participantes de diversas atividades produtivas, concentradas principalmente no polo da referida região (Arapiraca). Nesse sentido, além dos resumos e introdução ora apresentados, estruturam o presente estudo mais dois itens. Em “A indústria da Região Geográfica Imediata de Arapiraca” realiza-se uma análise de dados primários e secundários da indústria dessa região, verificando as zonas de maior densidade das atividades, o porte das indústrias, seus principais setores industriais, a organização das atividades, o modo de operação em aspectos gerais e detalhadamente em cada um dos 17 municípios que integram a região. Já em “Para além das verticalidades: as indústrias locais como expressão das horizontalidades no território”, foi desenvolvida uma análise focada no exame dos usos do território empreendidos pelas indústrias locais na RGIA. Por fim, são apresentadas as conclusões e referências.

2 A INDÚSTRIA DA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE ARAPIRACA (RGIA)

Dados do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) da Receita Federal do Brasil (RFB) disponíveis no Portal DataSebrae (2020) demonstram que a RGIA concentrava um total de 1.871 empresas industriais, sendo 1.816 (equivalente a 97%) do tipo matriz e apenas 55 (equivalente a 3%) do tipo filial. Desse quantitativo, um total de 1.095 (59%) são Microempreendedores Individuais (MEI), 549 (29%) são Microempresas (ME), 111 (6%) são Empresas de Pequeno Porte (EPP), e 116 (6%) são de outros tipos, como de médio e grande porte.

Nessas indústrias são desenvolvidas 186 atividades, de acordo com o padrão estabelecido pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), sendo as dez principais verificadas no gráfico 01.

Observa-se que enquanto entre as MEI predominam principalmente atividades de fabricação de vestuário, móveis, artigos de serralheria e produtos de padaria, as declaradas ME executam sobretudo atividades de fabricação de produtos de padaria, de móveis, de panificação industrial e incorporação de empreendimentos imobiliários. Aquelas declaradas como EPP desenvolvem mormente atividades de incorporação de empreendimentos imobiliários, fabricação de produtos do fumo, de móveis e de embalagens de plástico. Já as que são de outros portes, desenvolvem principalmente atividades de incorporação de empreendimentos imobiliários, fabricação de conservas de frutas, de produtos de laticínio, artefatos de cimento e produtos do fumo.

Gráfico 01 – Principais ramos industriais na Região Geográfica Imediata de Arapiraca



Fonte: DataSebrae, 2020. Elaboração própria.

A dinâmica da RGIA se confunde muito com a dinâmica do próprio município polo de Arapiraca, responsável pela concentração da maioria das atividades econômicas dessa região, o que demonstra os desníveis entre a capital regional – que também é polo da região imediata e intermediária – e os demais centros locais. Comprovando tal afirmativa, os dados apresentados na figura 02 revelam que o município de Arapiraca concentra 67% da indústria da região, enquanto os demais 16 municípios juntos contabilizam apenas 33%.

Conforme os dados apresentados na figura 02, a concentração da atividade industrial nessa região é maior em Arapiraca (1.259 indústrias) e em Teotônio Vilela (136 unidades). Já os demais municípios se enquadram nos seguintes parâmetros: com números entre 1 e 10 indústrias estão os municípios de Campo Grande, Olho d'Água Grande e Tanque d'Arca; entre 11 e 30 indústrias estão os municípios de Coité do Nóia, Feira Grande, Jaramataia e Traipu; entre 31 e 50 estão os municípios de Craíbas, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia e Taquarana; e entre 51 e 100 empresas industriais estão os municípios de Girau do Ponciano, Junqueiro, Maribondo e São Sebastião. O quadro 01 apresenta dados detalhados para cada município da RGIA.

Feira Grande	1%	52%	32%	12%	4%	Artigos de serralheria, produtos do fumo, artefatos de madeira, aparelhamento de placas e trabalhos em pedras.
Coité do Nóia	1%	29%	71%	-	-	Distribuição de água, produtos de padaria, curtimento e preparação de couro e artefatos têxteis de uso doméstico.
Jaramataia	Inferior a 1%	19%	36%	9%	36%	Produtos de padaria, laticínios, artefatos de pesca e esporte, e extração de minerais.
Traipu	Inferior a 1%	73%	18%	9%	-	Laticínios, artefatos de concreto, sucos concentrados, alimentos e pratos prontos, e preparação de leite.
Campo Grande	Inferior a 1%	76%	12%	12%	-	Bijuterias, produtos da panificação industrial, massas alimentícias e armação metálica.
Tanque d'Arca	Inferior a 1%	75%	25%	-	-	Produtos de padaria e artigos de vidro.
Olho d'Água Grande	Inferior a 1%	100%	-	-	-	Bijuterias e artigos de carpintaria para construção civil.

Fonte: DataSebrae, 2020. Elaboração própria.

Percebe-se que Arapiraca concentra a maior parte das indústrias, e os demais municípios desenvolvem atividades que, afora atender parte da demanda local não possuem grande impacto econômico. Mas, são fundamentais para atender às demandas cotidianas das populações locais, gerando trabalho e renda, como padarias, casas de farinha, pequenos serviços industriais, etc. Além disso, o porte das empresas representa indústrias de pequenas dimensões, com maior número de MPEs e MEIs e escassa presença de médias e grandes empresas. Isso evidencia, portanto, a importância das empresas de menor porte para a economia de Alagoas, com um crescimento extraordinário desse tipo de empresa no estado, seguindo a tendência nacional de desburocratização e formalização dos negócios. A propósito, em 2015 as MPEs em Alagoas apontaram faturamento superior aos R\$ 4 bilhões e uma arrecadação de pouco mais de 350 milhões, sendo cerca de 30% dessas MPEs atuantes na indústria de transformação (ALAGOAS, 2016).

Nesse ínterim, alguns setores produtivos sobressaem com maior destaque em termos econômicos. São os casos dos ramos de alimentos, de materiais plásticos, de móveis, pré-moldados e artefatos de concreto, que possuem uma participação significativa na economia local, sendo impulsionados por indústrias tradicionais de atuação regional e que movimentam maiores níveis de recursos.

No ramo alimentício, alguns figuram entre os principais estabelecimentos industriais do estado, tendo os principais destaques: Indústrias Reunidas Coringa, Indústria Alimentícia Popular, Indústrias Camarão, Trigo & Cia, Alimentos Tradição, Indústria Compostela, Special Alimentos e Hada Alimentos, todos de natureza local e de

crescimentos sucessivos nos últimos anos, notadamente a partir das políticas de incentivos governamentais como aponta o estudo de Silva (2019).

No ramo de materiais plásticos, destacam-se as indústrias Merconplas, Araforros, Samplás e Imprima, empresas de atuação local e regional que também são assistidas com matérias-primas pelo Polo Cloroquímico de Alagoas (PCA), que permitiu o desenvolvimento da Cadeia Produtiva de Química e Plástico (CPQP) de acordo com Diodato (2022). Nesse caso, observa-se que algumas empresas possuem uma atuação voltada para o mercado alagoano (Imprima), outras também são voltadas para o mercado nordestino (Samplás), e algumas atuam também em outras regiões brasileiras (Araforros).

Já o setor moveleiro é caracterizado por inúmeros pequenos estabelecimentos, muitos deles fabriquetas, com instalações limitadas e acesso a poucos equipamentos. No entanto, algumas empresas, a exemplo de Léo Móveis, Sandes Estofados e Charme Móveis, possuem evidência, apresentando maiores instalações e posição firme no mercado regional de móveis. Ressalte-se ainda a presença do Polo de Madeira e Móveis Nascimento Leão, no município de Arapiraca, instalado em 2011 fruto da ação do estado e do município para fornecer infraestrutura e condições de funcionamento às fábricas de móveis da região, não obstante as poucas empresas instaladas. Acrescenta-se também a organização do Arranjo Produtivo Local de Móveis do Agreste² em que Arapiraca está inserida.

No que diz respeito ao ramo de pré-moldados e artefatos de concreto, evidencia-se que empresas como Cilel e Concrenorte, envolvidas com a fabricação de produtos diversos a partir de concreto e com uma atuação voltada para o mercado local e regional, atendem tanto Alagoas como outros estados nordestinos, como Pernambuco, Sergipe e Bahia.

Os dados levantados na pesquisa de campo realizada no município de Arapiraca³ permitem uma melhor compreensão das características e da organização da atividade industrial da RGIA. A respeito da gênese das atividades, os resultados evidenciam que 60% das indústrias foram fundadas até 1999, os outros 40% correspondem àquelas fundadas a partir de 2000. Sobre as equipes administrativas, os dados demonstram que 60% tiveram alguma mudança no quadro de sócios administradores e que, nos demais 40% dos casos, os fundadores ainda permanecem na administração direta. De todo modo, nenhuma das

² Sobre a política de APLs em Alagoas consultar o estudo de Santos (2016).

³ Pesquisa de campo realizada em Arapiraca, polo da região imediata em que está inserida, através de entrevistas e aplicação de questionários com representantes de 20 das principais indústrias locais do município. Abarcou empresas dos principais setores industriais (alimentos e bebidas, química e plásticos, cerâmica e artefatos de concreto, móveis, produtos têxteis, e fumo).

indústrias investigadas é de capital aberto ao mercado de ações e 100% se consideram empresas familiares, representando uma forte característica das indústrias locais.

A respeito da origem do capital inicialmente investido, 85% das indústrias pesquisadas iniciaram suas atividades com o investimento de capital do próprio industrial, 10% com capital emprestado por terceiros (familiares, amigos etc.) e os outros 5% com capital emprestado por bancos e demais instituições financeiras. Essa situação evidencia a presença de um capital acumulado e que foi sendo reinvestido na atividade industrial, originário das atividades preteritamente desenvolvidas na região, como a cultura do fumo e a feira livre.

Os dados sobre a organização das indústrias revelam que 60% delas são empresas únicas e que 40% pertencem a grupos empresariais locais. Ou seja, a presença de grupos empresariais formados a partir de atividades já estabelecidas no território, consiste numa tendência recente na organização empresarial da RGIA. Ainda nessa direção, caracterizando muito bem o tipo de indústria local, que geralmente apresentam menores dimensões, 65% não possuem filiais. As 35% que possuem ficam restritas aos estados nordestinos, como Pernambuco e Sergipe, com instalações justificadas sobretudo por questões logísticas, facilidade na aquisição de matérias-primas e local de destino da produção.

Dados sobre as instalações das atividades fabris apontam que 65% dos estabelecimentos pesquisados localizam-se na zona urbana, enquanto 35% estão na zona rural. Nesse sentido, para 70% dos investigados o tamanho das instalações atende às suas necessidades. No entanto, para os demais 30% é preciso ampliá-las. A respeito do tipo de estabelecimento, 80% são próprios e 20% são alugados, com aquisições alcançadas por diferentes formas: 65% são próprios e adquiridos com recursos também próprios; 20% é alugado; 10% são próprios, mas oriundo de políticas governamentais (incentivos locacionais); e os outros 5% também são próprios, mas comprados com financiamentos.

Quanto ao funcionamento dos processos fabris propriamente ditos, entendendo-os em suas complexidades, desde a preparação, passando pela produção em si e partindo para a distribuição, o comércio e o consumo, os dados adquiridos são amplos. A respeito da origem das matérias-primas, em 45% das indústrias pesquisadas a origem é mista, oriunda tanto de Alagoas, como de outros estados do Nordeste e de outras regiões do Brasil, 25% é de procedência alagoana e de outros estados do Nordeste, 15% têm origem genuinamente alagoana e os outros 15% somente fora do estado.

As matérias-primas mais utilizadas variam de acordo com o ramo produtivo. No ramo alimentício utiliza-se principalmente farinha de trigo, milho, arroz, açúcar, margarina, fermento, mamão, goiaba, banana, alho, pimenta, cominho, corantes e conservantes; no ramo de materiais plásticos, principalmente polietileno, polipropileno, pigmentos, resina de poliéster, fibra de vidro e plásticos recicláveis; no ramo de móveis, MDF⁴, cola, parafusos, tecido, tinta, vidro, dobradiças e corrediças; já no ramo de cerâmica e artefatos de concreto utiliza-se principalmente areia, barro, cimento, aço, água e brita.

No que concerne à origem da mão de obra empregada, 60% das indústrias investigadas empregam pessoas de Arapiraca e também de outros municípios da região imediata, em contrapartida os demais 40% representam as indústrias que empregam somente pessoas de Arapiraca. Sobre a aquisição de máquinas, equipamentos e veículos, em 90% das indústrias pesquisadas são adquiridos no mercado nacional, tanto de fabricação brasileira ou estrangeira, 5% são importadas diretamente pela indústria (de origens alemãs, japonesas, chinesas e italianas) e os outros 5% representam as indústrias que montam suas próprias máquinas e equipamentos a partir da aquisição de peças no mercado nacional.

Sobre a aquisição de embalagens, os dados da pesquisa revelam que em 35% das indústrias a origem é mista, oriundas tanto de Alagoas como também de estados do Nordeste e ainda de outras regiões do Brasil. Em 25% de outros estados do Nordeste, em 10% são adquiridas em empresas alagoanas, 10% são compradas somente em empresas de fora do Nordeste, 5% têm fabricação própria de embalagens e os demais 15% não responderam a essa pergunta.

No tocante ao número de empregados, e seguindo os parâmetros de classificação adotados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), os dados recolhidos mostram que 50% das indústrias empregam entre 10 e 49 pessoas, 15% empregam até 9 pessoas, 15% empregam de 50 a 249 pessoas, 15% empregam 250 ou mais pessoas, os outros 5% não forneceram essa informação.

Acrescente-se ainda que 55% das indústrias possuem alguma forma de treinamento ou qualificação de pessoal, realizados em parceria com as empresas do Sistema S⁵, prática considerada pelos entrevistados como de extrema necessidade, uma

⁴ A sigla MDF vem da expressão inglesa *Medium Density Fiberboard* e refere-se a uma placa de fibra de média densidade, produzida principalmente a partir de madeira e cola prensados.

⁵ Fazem parte do Sistema S: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae); Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); Serviço Nacional

vez que apontam a ausência de mão de obra qualificada como uma grande dificuldade do setor industrial na RGIA.

Com relação aos destinos da produção, os resultados da pesquisa revelam que 50% das indústrias destinam seus produtos somente para o mercado alagoano e nordestino; 20% produzem exclusivamente para Alagoas; outros 20% destinam a produção tanto para Alagoas como para todo Nordeste e outras regiões do Brasil; e 5% destinam seus produtos para o mercado alagoano e para a exportação internacional, como se verificou no setor de móveis com exportações para diversos países da América Latina. Os outros 5% não declararam o destino da produção. Esses dados indicam uma indústria voltada basicamente para o mercado local e regional, sendo essa mais uma característica representativa da indústria local.

Essa pesquisa permitiu ainda constatar que a venda da produção é realizada principalmente a partir de representantes comerciais, vendedores externos e venda própria no atacado e varejo. A distribuição se dá especialmente através de frota própria e por distribuidoras parceiras, com produção destinada em sua maioria para comerciantes, feirantes, atacadistas e consumidores finais.

Outros dados obtidos sobre o funcionamento das indústrias atestam que 85% fazem uso de alguma estratégia de propaganda, destacando-se a utilização de rádios locais, canais de televisão, redes sociais, *marketing* digital e comunicação visual no espaço urbano e os outros 15% representam as que não utilizam nenhuma estratégia, destacando-se as empresas de fumo que são proibidas de fazer propaganda por legislação específica. O estudo identifica que em 60% das indústrias investigadas existe variações de lucro ao longo do ano, representando períodos de maior e menor produção de acordo com cada ramo produtivo, e ainda que 75% das empresas realizam reinvestimento dos lucros obtidos.

Os dados refletem a importância do poder público no fortalecimento das atividades fabris. Perceba-se que 40% dos casos pesquisados recebem algum tipo de incentivo governamental, sobressaindo-se as concessões do governo estadual com o Programa de Desenvolvimento Integrado (Prodesin). No entanto, 55% das indústrias pesquisadas não possuem nenhum tipo de incentivo, expressando a necessidade de maior ativismo estatal em favor das indústrias locais. Os outros 5% não forneceram essa informação.

Reafirmando a importância das iniciativas locais no processo de industrialização na RGIA, os dados da pesquisa mostram que 70% das indústrias pretendem realizar novos

de Aprendizagem do Comércio (Senac); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e Serviço Social de Transporte (Sest).

investimentos na atividade nos próximos anos, destacando-se os interesses em ampliação das instalações, aumento da produção e aquisição de novos equipamentos e veículos. Ademais, ainda que não sejam maioria, 35% das indústrias informaram que realizam algum tipo de prestação de serviços para outras empresas. São casos de fornecimento de embalagens, matérias-primas e produtos já fabricados, produzidos com as marcas próprias de outras empresas.

Em relação a utilização de serviços de bancos e de agentes financeiros, a maior parte das empresas, ou seja, 65% utilizam serviços bancários para pagamento de funcionários e fornecedores, recebimento das vendas, além de serviços de financiamento e linhas de crédito. As instituições mais citadas foram: Bradesco, Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste, Banco do Brasil, Sicoob, Sicredi, Itaú e Santander, confirmando assim, os resultados obtidos por Medeiros (2018) na sua pesquisa sobre as instituições bancárias e financeiras no território alagoano.

Já em relação aos custos de produção e atuação, na maioria das indústrias analisadas os mais informados foram aqueles relacionados à aquisição de matérias-primas, pagamento da força de trabalho e à logística. Os custos com máquinas, equipamentos e veículos também foram registrados como altos, mas justificados como custos iniciais e não recorrentes.

Por serem informações confidenciais, a maioria das indústrias pesquisadas não informaram valores de receita média mensal. Das que apresentaram, destaca-se a Indústria A⁶ que atua no ramo alimentício e movimenta em média R\$ 50 milhões/mês. Afora isso, 100% das respondentes têm uma percepção positiva de sua participação na economia local, justificada especialmente pela oferta de vagas de trabalho, geração de renda, oferta de produtos de grande aceitação no mercado e movimentação de recursos importantes na economia.

Quando se trata das adversidades mais recorrentes e as estratégias de superação, os pontos mais referidos foram os seguintes: a) problemas com concorrência, enfrentados com planejamento estratégico e fortalecimento da atuação; b) ausência de maiores investimentos públicos no fortalecimento das indústrias, daí as reivindicações junto aos diversos setores do estado visando superar as dificuldades; c) ausência de matérias-primas suficientes no mercado alagoano, o que demanda a aquisição em outros estados nordestinos e regiões brasileiras; d) falta de consultorias e mais ações inovadoras pela

⁶ Nome fictício, visando o sigilo e confidencialidade dos dados.

indústria, o que reflete na produtividade pelos recorrentes desperdícios de insumos e que tenta ser superado com aquisição de máquinas e equipamentos mais modernos por meio do acesso a financiamentos, linhas de créditos e outros serviços de instituições financeiras; e) falta de mão de obra qualificada e seu custo elevado, situação que buscam superar através da oferta de cursos de qualificação profissional e investimentos em maquinário; f) aumento nos preços dos insumos, que tentam suprir com a compra em diferentes fornecedores, pagando-se à vista e estocando nos períodos de melhores preços; e, g) dificuldade de manter o capital de giro, recorrendo-se a estratégias de evitar a inadimplência e promovendo a redução dos custos.

Convém aludir que a pesquisa também propiciou o levantamento de informações sobre eventos e condições que ajudaram no crescimento das indústrias ao longo de sua história, e entre as respostas mais recorrentes sobressaem a ampliação do catálogo [mix] de produtos, os investimentos e incentivos governamentais, a abertura de filiais em regiões estratégicas, a expansão da área de atuação, a implementação de máquinas nos processos fabris e a participação em feiras de negócios e eventos corporativos.

Em relação a uma perspectiva de crescimento da atividade industrial, os resultados mostram principalmente as seguintes situações: a) melhoria da questão tributária, com redução dos impostos; b) oferta de matérias-primas em maior quantidade e melhor qualidade; c) ampliação das políticas de incentivo governamentais, em todas as esferas do Estado; d) desburocratização do acesso e maior disponibilidade de crédito; e) maior presença de órgãos de assistência, como o Sebrae, acompanhando não apenas indústrias recentemente abertas; f) fiscalização de indústrias atuantes na informalidade; g) abertura de novos distritos industriais para expansão das atividades; e h) assistência e incentivo aos pequenos industriais.

Coadunando com os pontos nevrálgicos apresentados pelas indústrias durante a pesquisa de campo realizada em Arapiraca, os dados e informações levantadas com os representantes da FIEA⁷ em outra pesquisa de campo realizada entre dezembro de 2019 e fevereiro de 2020 igualmente apontam que, entre as principais deficiências dos setores industriais do estado estão a infraestrutura, a insuficiência energética e a mão de obra desqualificada.

As informações da pesquisa realizada na FIEA também reafirmam a presença de uma significativa quantidade de indústrias informais em escala estadual, que não pagando

⁷ Com sede na Casa da Indústria Napoleão Barbosa, localizada na Avenida Fernandes Lima, nº 385, Farol - Maceió/AL, CEP: 57055-000.

os impostos devidos ofertam produtos com preços muito inferiores aos de mercado, afetando diretamente a competitividade. A presença das indústrias informais é tão expressiva que no Cadastro Industrial de 2013 a FIEA constatou que correspondiam a cerca de 47% do total de empresas industriais do estado, atuando em ramos diversos, estendendo-se desde a produção de farinha de mandioca às tintas e produtos de limpeza. Ainda de acordo com dados fornecidos pelos entrevistados, são atividades familiares, instaladas nas próprias residências e que empregam informalmente uma, duas ou até cinco pessoas em média.

Portanto, conforme os dados e as informações apresentadas, a indústria da RGIA se concentra no município de Arapiraca, representando atividades de atuação local e regional. Essa realidade resulta também dos processos históricos que levaram à atual configuração do território, marcada por especificidades que tornam essa região diferenciada em relação as demais do estado. Destaca-se uma organização agrária pautada na pequena propriedade [minifúndio], a existência de um capital acumulado ao longo dos anos e reproduzido em outras atividades produtivas, a dinâmica das indústrias locais, e ainda a existência de grupos empresariais originários de burguesias da região que movimentam recursos importantes para a realidade regional.

3 PARA ALÉM DAS VERTICALIDADES: AS INDÚSTRIAS LOCAIS COMO EXPRESSÃO DAS HORIZONTALIDADES NO TERRITÓRIO

As transformações ocorridas a partir da afirmação do processo de globalização marcam uma nova organização produtiva. Assim, com a redefinição do meio geográfico – compreendido como técnico-científico informacional – impõem-se novas relações e uma nova organização aos territórios que, conseqüentemente redefinem a inserção de cada lugar nas várias escalas. Neste sentido, o território usado se constitui como uma categoria central à leitura da realidade, como destacou Souza (2017, p. 27):

O conhecimento do território tornou-se indispensável dada a sua importância nos processos de globalização e fragmentação que se verificam no mundo contemporâneo. O território, modernamente, é entendido não apenas como limite político administrativo, senão também como espaço efetivamente usado pela sociedade e pelas empresas.

Para Santos (1996, p. 16), “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Logo, deve ser entendido não apenas como um ordenamento de formas, de sistemas de coisas sobrepostas, mas a

partir dos usos que nele são estabelecidos, concebido como sinônimo de espaço geográfico e por isso entendido em sua totalidade.

Por conseguinte, o território da RGIA é usado por diversos agentes que interferem, definem e redefinem a sua organização, marcada pela presença de indústrias de natureza local, oriundas da reprodução do capital redirecionado à atividade fabril também através da atuação dos agentes financeiros. São indústrias, conforme destacado anteriormente, que se caracterizam por um capital de origem local, marcadamente investido por famílias também locais.

Essas indústrias têm sua gênese baseada em atividades fabris de dimensões muito restritas, caracterizando-se pelas seguintes condições: a) organização técnica modesta, com uso de pouco ou nenhum maquinário; b) capital restrito⁸, que obrigava o reinvestimento massivo dos lucros obtidos no início da atividade; c) uso de mão de obra familiar, permitindo a redução dos custos para a manutenção da atividade; e d) funcionamento em pequenos estabelecimentos, muitos deles localizados nas próprias residências dos industriais.

Portanto, possuem na iniciativa familiar uma de suas características mais significativas, o que possibilitou o surgimento de atividades inicialmente muito modestas, com fabricação de produtos diversos, sobretudo alimentícios. A organização das famílias com alguma experiência comercial, deu origem a importantes indústrias regionais e diversos grupos empresariais locais. No dizer de Mamigonian (1965, p. 423), “estas grandes famílias compreendem muito bem a política financeira que conduz ao desenvolvimento econômico: elas aplicaram cuidadosamente, nos seus negócios, a retenção máxima dos lucros”.⁹

Como analisa o referido autor, esse tipo de iniciativa pode ser entendido como iniciado por “capitalistas sem capital” (MAMIGONIAN, 1965), realizado por industriais que tinham o espírito de iniciativa, mas não possuíam muitos recursos, situação que possibilita, em maioria, o surgimento de fabriquetas, com instalações deficientes e atuação limitada a localidades próximas.

Atualmente, já estruturadas e em contraponto às suas limitações de competitividade, são indústrias que possuem um considerável alcance espacial, graças às estratégias de capilaridade bem executadas, instalando estabelecimentos próprios em

⁸ A expressão “capital restrito” está relacionada com o acesso ao crédito, que para as indústrias locais é limitado.

⁹ Esse caráter familiar foi apresentado na realidade alagoana por Medeiros e Silva (2021), a partir do exemplo da Indústria Alimentícia Popular.

centros importantes da rede urbana nordestina¹⁰, e a partir deles expandindo sua atuação. Evidencia-se que possuem dificuldades para expansão em outras regiões do país, em decorrência sobretudo do pequeno valor agregado aos seus produtos, e ainda a impossibilidade de concorrência com as grandes corporações de atuação nacional, de incomparáveis poderes de capital e tecnologia.

A capilaridade dessas indústrias ancora-se na instalação de fixos estratégicos ligados à fabricação e à administração localizados principalmente no município de Arapiraca, e instalação de centros de distribuição e unidades comerciais em outros municípios alagoanos e de outros estados nordestinos. A fabricação e o controle administrativo das atividades permanecem centralizados em Alagoas, onde estão suas matrizes. Logo, os fixos (fabricas, escritórios, salas comerciais, centros de distribuição etc.) permitem que os fluxos (de transportes, de capital, de ordens, de informações etc.) sejam possíveis¹¹, representando os usos empreendidos e refletindo uma atuação desigual em decorrência das heterogeneidades dos sistemas técnicos nos lugares (SANTOS; SILVEIRA, 2016).

Vale destacar que as limitações financeiras dessas atividades não possibilitam a instalação de fixos próprios que atendam toda a área de atuação, o que tenta ser contornado pela utilização de empresas terceiras como representantes comerciais em regiões sem instalações próprias. Uma organização espacial baseada em empreendimentos próprios e “parcerias” permitem uma logística mais eficiente no atendimento à demanda do mercado em que atua, utilizando-se dos diversos sistemas de engenharias¹² disponíveis no território, o que reafirma a importância dos espaços da circulação e da distribuição (SANTOS, 2014b) para o sucesso das atividades econômicas, pois conforme Arroyo (2018, p. 135),

As condições de circulação são tão importantes quanto as condições de produção. Daí as pressões das empresas para a existência e a eficácia de uma rede de transportes e comunicações quando decidem estabelecer-se num lugar. As vias rápidas lhes garantem uma circulação rápida, isto é, uma

¹⁰ A instalação dessas indústrias se dá, sobretudo, em centros com alto poder comercial e de distribuição. Quais sejam, aqueles que detendo grande população e infraestruturas de transportes, ocupam as posições de maior relevo na hierarquia urbana.

¹¹ Para Santos (2014c, p. 85), “o espaço, é, também e sempre, formado de fixos e fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço”.

¹² Conforme explica Santos (2008b, p. 120), os sistemas de engenharia, bases da produção e do intercâmbio, são hoje “[...] uma verdadeira tecnosfera, uma natureza crescentemente artificializada, marcada pela presença de grandes objetos geográficos, idealizados e construídos pelo homem, articulados entre si em sistemas.”

transformação do produto em consumo, em mercadoria, em capital realizado. Todo produto se distribui, se armazena, se comercializa e se consome. Depois de concluída a primeira fase desse circuito – seja na fábrica, na mina, na fazenda – o produto precisa ser distribuído para chegar ao mercado e ser vendido. Por isso, é importante, não apenas ter uma fábrica bem estruturada, uma fazenda bem organizada ou uma jazida que possa ser bem explorada, mas também a possibilidade de que a produção circule numa rodovia, ferrovia, hidrovia ou em qualquer outra rede técnica para que a mercadoria consiga se realizar. Isto acontece no final do processo: no momento da troca e do consumo.

Com uma atuação voltada para o mercado regional e alcançando principalmente dimensões de médio e pequeno porte, as indústrias locais têm passado por importante processo de modernização principalmente a partir dos anos 2000, impulsionado pelos financiamentos e incentivos adquiridos nas diversas instâncias governamentais. Isso tem possibilitado a apropriação de técnicas produtivas modernas com a implementação de novas máquinas, equipamentos e ainda complexos sistemas de informação que gerenciam suas atividades e operações.

A industrialização local representa os interesses do lugar, apresentando atividades fabris de iniciativas, industriais e capitais locais, muito diferente das indústrias multinacionais, representativas dos interesses globais e que, por isso, não possuem maiores preocupações com a realidade dos lugares. Os grandes empreendimentos industriais representam as verticalidades no território, ou seja, as ações praticadas sob comando externo, representando um “acontecer hierárquico” a partir dos usos do território como recurso. Por outro lado, as iniciativas industriais locais também apontam para as horizontalidades no território, quer dizer, os domínios de contiguidade de lugares reunidos por uma continuidade territorial, mais relacionadas com os “acontecimentos homólogo e complementar”¹³ (SANTOS, 1996). Neste viés, os usos do território empreendidos pelas indústrias locais se apresentam diferentes daqueles praticados pelas grandes indústrias nacionais e internacionais, haja vista que as iniciativas locais estão inseridas em uma lógica também local e em um contexto regional, diferente daquelas mais sintonizadas com a lógica global.

¹³ Segundo Santos (1996, p. 16-17), “o acontecer homólogo é aquele das áreas de produção agrícola ou urbana, que se modernizam mediante uma informação especializada e levam os comportamentos a uma racionalidade presidida por essa mesma informação que cria uma similitude de atividades, gerando contiguidades funcionais que dão os contornos da área assim definido. O acontecer complementar é aquele das relações entre cidade e campo e das relações entre cidades, consequência igualmente de necessidades modernas da produção e do intercâmbio geograficamente próximo. Finalmente, o acontecer hierárquico é um dos resultados da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando, uma organização, que tendem a ser concentrados e nos obrigam a pensar na produção desse comando, dessa direção, que também contribuem à produção de um sentido, impresso na vida dos homens e na vida do espaço”.

As empresas externas ao lugar usam o território exclusivamente como fonte de recursos, praticando a “sangria do território” (SOUZA, 2002), uma vez que sugam os recursos locais e os canalizam para o centro do sistema, onde localizam-se suas matrizes. Deste modo, as grandes indústrias nacionais e internacionais, doravante denominadas indústrias externas, usam o território baseadas na lógica capitalista global, guiando-se pelos interesses corporativos rumo a acumulação do capital. São atividades hegemônicas que em rede, desfrutam de todo o aparato técnico disponível no atual período histórico, usam o mundo como mercado, fazendo circular suas mercadorias e não os recursos resultantes do seu consumo.

Santos (2015) apresenta a globalização como um processo perverso, da racionalidade capitalista, da ditadura do dinheiro e da informação¹⁴, representado por agentes que fragmentam a organização local, descompromissados com a realidade do lugar. Mas, como ensina o mesmo autor, uma outra globalização é possível, baseada na força do lugar, resistindo a ordem global.

As indústrias locais representam agentes que empreendem ao mesmo tempo usos do território como recurso e como abrigo, haja vista que não se sustentam na competitividade do mercado dominado pelas grandes empresas. Representam atividades que surgiram internamente, relacionadas com a organização econômica regional, permitindo uma maior circulação interna dos recursos oriundos da atividade. São iniciativas que proporcionam uma maior dinâmica à economia local, repercutindo significativamente na ativação das bases econômicas. Dessa forma, as indústrias locais na RGIA não praticam exatamente os mesmos usos empreendidos pelas indústrias externas a esse território, para quem é exclusivamente fonte de recursos.

É importante ressaltar que nesse contexto as contribuições de Mamigonian (1965; 2004) se apresentam essenciais, pois se direcionam para uma abordagem econômica de valorização das indústrias locais, questão entendida como central para o efetivo crescimento das forças produtivas do território. Essa compreensão permite uma abordagem diferente daquelas políticas de desenvolvimento industrial frequentemente adotadas em Alagoas e no Brasil, de supervalorização dos empreendimentos externos em detrimento do processo de industrialização local.

¹⁴ Para Santos (1999, p. 10-11): “Nossa era se caracteriza por essas duas ditaduras: a ditadura da informação e a ditadura do dinheiro, e a ditadura do dinheiro não seria possível sem a ditadura da informação. O dinheiro em estado puro nutre-se da informação impura, tornada possível quando imaginávamos que ela seria cristalina. Curiosamente, este formidável sistema ideológico acaba por ter um papel na produção da materialidade e na conformação da existência das pessoas.”

Na realidade estudada o uso corporativo do território passa a ser entendido não apenas como empreendido pelas grandes corporações, para quem o território é apenas recurso, mas também pelas pequenas indústrias locais, que ao tempo em que fazem uso dos recursos, também se abrigam no território. Essas indústrias são produtoras de horizontalidades, conforme afirmado antes, visto que comprando a produção local (também das associações comunitárias de produtores rurais) articulam-se com outros setores produtivos do lugar, possuindo ainda uma forte relação com a população local e representando os empregadores de primeira ordem pelo histórico de atuação que possuem no lugar.

Não se deve olvidar que as indústrias locais também possuem uma racionalidade capitalista, com exploração da força de trabalho e extração da mais-valia, no que se refere aos usos do território que realizam em busca de recursos. Mas, de maneira concomitante, o território também é seu abrigo, pois fora do contexto regional em que se encontram inseridas elas não se sustentam. À guisa de diferenciação, na realidade analisada, as indústrias locais são distintas das externas principalmente pelas seguintes condições: primeiro a origem, pois são fundadas localmente, marcadas por iniciativas familiares alheias ao mercado de ações; segundo a dimensão, são de menores proporções e com uma atuação voltada ao mercado regional; e terceiro o seu capital, que não é transnacionalizado, sendo movimentado em escala limitada.

Para melhor compreender as especificidades dessas indústrias locais em relação às características daquelas que são externas, verifica-se a presença de seus respectivos produtos no comércio. Por um lado, os produtos das indústrias locais estão presentes com maior força em estabelecimentos de bairros e povoados, como pequenos e médios mercados e lanchonetes, e ainda em diversas representações do circuito inferior da economia urbana¹⁵, como no comércio ambulante e nas feiras livres. Por outro lado, os produtos fabricados pelas indústrias externas, por sua voracidade também alcançam os pequenos estabelecimentos, mas dominam sobretudo o grande comércio, a exemplo das grandes redes atacadistas e de supermercados, que firmam contratos com indústrias de atuação nacional e internacional, inseridas em complexos circuitos espaciais de produção¹⁶, como seus fornecedores em todas as lojas espalhadas pelo país.

¹⁵ Na Teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, Santos (2008a) evidencia a existência dos circuitos (superior, superior marginal e inferior) considerando que cada um acolhe práticas econômicas individuais e que se diferenciam segundo distintos níveis de organização, capital e tecnologia.

¹⁶ De acordo com Santos (2014c, p. 55-56), “com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções, temos de falar de circuitos espaciais da produção. Esses seriam

As diferenças nos usos empreendidos por cada tipo de indústria não se limitam aos processos de comercialização, são usos distintos nas diversas etapas de atuação, englobando todo o modo de operação. Isso é verificado também no processo de aquisição das matérias-primas utilizadas, enquanto as indústrias locais possuem maiores relações com a produção do mercado interno, as externas são envolvidas com aquisição de insumos em diferentes regiões do país e do mundo.

Como exemplos locais podem ser citadas a Indústria Alimentícia Popular na aquisição de frutas¹⁷ de produtores locais e ainda a Indústrias Reunidas Coringa que adquire todo o arroz e parte do milho necessário à sua produção no mercado alagoano. Em contraponto, como exemplo de grande indústria, pode ser citada a Sococo S.A., a maior empresa de derivados de coco do mundo, idealizada por um grupo português e que mesmo com sede instalada em Maceió possui as maiores operações de aquisição de matérias-primas no estado do Pará.

Portanto, as indústrias locais tentam sobreviver em meio a um mercado extremamente financeirizado e transnacionalizado, também por isso são obrigadas a permanecerem com uma atuação restrita ao mercado regional para continuar funcionando. Para aquelas que se lançam no mercado nacional ou global a tendência é que sejam sufocadas ou engolidas. Algumas não resistem à competitividade e terminam em falência, e outras, que alcançam maior sucesso, acabam sofrendo fusões e aquisições. Como esclarece Bonelli (2000, p. 66), “a empresa familiar, em particular, enfrenta forte pressão pela dificuldade de estabelecer uma reestruturação de capital adequada aos novos tempos. Novos arranjos societários têm sido uma consequência natural”.

No que se refere à organização e funcionamento dessas indústrias locais na RGIA, é preciso evidenciar que cada uma delas possui suas especificidades, mas também possuem características semelhantes no modo de operação. São atividades que usam a mão de obra local, adquirem matérias-primas no mercado alagoano e de outros estados nordestinos realizando nas matrizes – localizadas em Alagoas – suas atividades de fabricação e, em seguida distribuindo também a partir de suas filiais. Logo, representa um processo de industrialização originário no território da RGIA e que tem se expandido para uma atuação no Nordeste.

as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo até chegar ao consumo final”.

¹⁷ Conforme Nascimento (1993), no estado de Alagoas, historicamente destaca-se a região fruticultora de Palmeira dos Índios, como produtora de frutas a exemplo de banana, pinha e goiaba.

A respeito do mercado consumidor dos produtos fabricados, evidencia-se que essas indústrias estão voltadas para atender principalmente as camadas da população com níveis de remunerações e poderes aquisitivos mais baixos, recorrendo a uma expressiva capilaridade em atividades do circuito inferior. Além disso, os produtos da maioria dessas indústrias possuem qualidade e preços inferiores no mercado, não alcançando o padrão daqueles produzidos pelas grandes indústrias externas, representando outro elemento que interfere no poder de competição entre esses diferentes tipos de empresas industriais.

Vale ressaltar que tanto a atuação das indústrias locais, quanto das externas interferem nas relações produtivas e participam da organização do espaço, pois conforme apresenta Santos (2012, p. 170) “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”.

De acordo com Santos (1959, p. 8), “o desenvolvimento industrial contribui para a elevação global dos níveis de vida”, logo, o processo de industrialização pode ser uma via capaz de alterar importantes condições sociais, uma vez que movimentam níveis consideráveis de capital. Além da oferta de emprego e geração de renda, as indústrias locais sobressaem com uma participação particular, pois encontram-se envolvidas com a realidade dos lugares.

Na direção da valorização da indústria local o papel do Estado tem sido fundamental, participando ativamente da construção de sistemas de engenharia que possibilitam maior fluidez no território e ainda ofertando incentivos importantes para o crescimento da competitividade dessas indústrias¹⁸. Todavia, são as mesmas políticas que supervalorizam as empresas externas, que usam o território exclusivamente como recurso, quer dizer, para extração de mais-valia que é drenada para os seus centros de comando. Por isso, acredita-se que outro olhar do Estado em relação ao maior enfoque nas atividades locais pode representar um mecanismo de ativação de novas bases produtivas e por conseguinte, mudanças do quadro atual.

Para a realidade da região analisada, na medida em que promovem a circulação de recursos, a oferta de emprego e a industrialização do território, as indústrias locais têm reafirmado ainda mais a centralidade de Arapiraca com atribuição de maiores fluxos no interior alagoano, apresentando também possibilidades produtivas para o estado.

¹⁸ O aumento da competitividade das indústrias locais a partir da concessão de incentivos acontece na medida em que diminuindo o pagamento de impostos a empresa consegue produzir mais barato, ofertando um produto de preço mais competitivo no mercado.

Certamente, novas perspectivas para além das verticalidades são apresentadas, permitindo a construção de novas horizontalidades no território.

4 NOTAS E AGRADECIMENTOS

Pesquisa realizada no âmbito da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), autorizada por seu Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme parecer nº 3.838.713, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Alagoas (Fapeal).

5 CONCLUSÕES

A investigação realizada e apresentada à comunidade científica em formato de artigo voltou-se para a análise da atividade industrial na RGIA e constatou uma maior ocorrência de indústrias do tipo local. Nessa direção, verificou-se que Arapiraca representa o principal polo de concentração das atividades econômicas dessa região imediata, em que a maioria das empresas industriais se classificam como de pequenas dimensões, principalmente de tipos MEI, ME e EPP, evidenciando os ramos de alimentos, materiais plásticos, móveis, e artefatos de concreto como os de maior expressão econômica.

Os dados primários obtidos na pesquisa de campo realizada nas indústrias dessa região possibilitaram a sua caracterização, a compreensão da natureza dessas atividades e de suas estratégias de capilaridade. Na gênese, foram empreendimentos iniciados a partir de um capital local, reproduzido no território de atividades pretéritas expressivas; possuem na iniciativa familiar uma característica primordial, haja vista terem iniciado – grosso modo – com famílias locais detentoras de alguma experiência comercial, além de serem os parentes a principal força de trabalho no início dessas atividades. Logo, a expansão dos segmentos industriais na RGIA obedece à dinâmica evolutiva de expansão do capital comercial desembocando no movimento de acumulação que permite aos capitais industriais se desenvolverem.

Inicialmente as instalações dessas indústrias se caracterizavam como pequenas e modestas, utilizando objetos técnicos mais simples, que no decorrer dos anos, passaram por processos de modernização em diferentes níveis. São indústrias que possuem uma atuação voltada para o mercado regional, desfrutando de estratégias de capilaridade que centralizam os empreendimentos de comando da atuação principalmente no município de Arapiraca, diferenciando-se das grandes indústrias externas principalmente pela origem do capital local e com um modo de operação articulado com a realidade do lugar.

Dessa forma, no contexto analisado, as indústrias locais empreendem usos do território distintos daqueles realizados pelas indústrias externas. Se para as indústrias externas o território é apenas fonte de recurso, para as locais o território é tanto fonte de recursos como também é abrigo. As incompatibilidades entre os usos realizados pelas indústrias locais e pelas externas se estendem ao longo de seus modos de operação, são usos distintos nas diversas etapas de atuação. Verificou-se que as indústrias locais tentam sobreviver em meio a um mercado extremamente financeirizado a partir de uma atuação voltada para atender às camadas menos capitalizadas da população, articulando-se com frequência às atividades do circuito inferior e não alcançando o grande comércio pelas limitações de competitividade, financeiras e na qualidade do que produz.

A pesquisa representou uma forma de compreensão da atividade industrial na RGIA à luz dos usos do território, alcançando resultados que permitem afirmar que baseadas na “pequena produção mercantil” (MAMIGONIAN, 2004) essas indústrias tiveram papel fundamental no crescimento e desenvolvimento dessa região, sendo responsáveis também por sua dinâmica atual. Usando o território de maneira específica a partir da utilização de sistemas de ações bem articulados, representam um forte potencial para o planejamento territorial a partir das iniciativas locais, em especial no contexto do latifúndio alagoano de dependência do setor agroexportador.

Assim, para a possibilidade de mudança das bases produtivas de Alagoas, vislumbrada na investigação, o ativismo estatal é essencial, pois no período atual – ainda com maior emergência – o papel do Estado em seu sentido real se faz primordial na promoção de condições sociais mais igualitárias. A participação do Estado no planejamento territorial deve considerar que a relação das atividades econômicas com o espaço pode possibilitar melhorias significativas na qualidade de vida, sendo necessário, na direção abordada nesse artigo, uma atuação com políticas de proteção às indústrias locais evitando, assim, que desapareçam na competição desleal com as grandes indústrias externas, uma vez que tendem a ser sufocadas ao assumirem posições incompatíveis aos interesses do grande capital.

Nessa abordagem torna-se possível pensar o planejamento territorial a partir das indústrias locais, com a consideração das condições políticas (incentivos, legislação etc.), econômicas (disposição de mercadorias, mercado consumidor ativo etc.) e de infraestrutura (meios de circulação, energia etc.), dando participação e importância aos agentes locais no ordenamento e na gestão das políticas territoriais.

Vale considerar que a análise geográfica muito contribui para a compreensão da realidade e reflexão da sua transformação. No caso do processo de industrialização, pensar o território a partir dos seus usos representa contribuir com uma abordagem preocupada com a totalidade dos processos produtivos espacialmente estabelecidos.

A mudança de foco produtivo é mais real pelo poder de transformação inerente à economia e pela capacidade da industrialização de oferecer novas condições aos lugares, mas considerando as desigualdades do “mapa da indústria” no território, essa alteração condiciona-se às particularidades e à gestão de cada lugar, sendo favorável no caso da RGIA pela existência das indústrias locais como forças produtivas já ativas.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. **Estudo sobre as Microempresas e Empresas de Pequeno Porte de Alagoas**. Maceió: SEPLAG, 2016. Disponível em: <<http://dados.al.gov.br/dataset/nucleo-de-estudos-e-projetos-da-seplag>> Acesso em: 05 mai. 2022.

ARROYO, M. A circulação da mercadoria na redefinição dos usos do território. **Revista Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 20, n. 1, mai. 2018, p. 133-143.

BONELLI, R. Fusões e aquisições no Mercosul. In: VEIGA, Pedro da Motta (Org). **O Brasil e os desafios da globalização**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 65-78.

DIODATO, R. V. **Da concepção de um Pólo Cloroquímico ao desenvolvimento da cadeia produtiva da química e do plástico de Alagoas**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**, Coordenação de Geografia, Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/. Acesso em: 19 jun. 2022.

MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, jul./set. 1965, p. 389-482.

MAMIGONIAN, A. **Estudos de geografia econômica e de pensamento geográfico**. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. v. 1, t. 2. Coord/Rev. Paul Singer. Tradução Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MEDEIROS, D. A. de. **Financeirização do território e circuitos da economia urbana em Alagoas**. Prefácio: Maria Adélia de Souza. Posfácio: Antonio Alfredo Teles de Carvalho. Maceió: Fapeal; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018. 318 p.

MEDEIROS, D. A. de.; SILVA, C. J. da. Território usado e dinâmica industrial: as iniciativas locais como possibilidade produtiva ao estado de Alagoas. **Sociedade e Território**, Natal, vol. 33, n. 2, p. 138–161, 2021.

NASCIMENTO, A. L. do. **A fruticultura na região de Palmeira dos Índios**: trabalho de pequenos produtores em Alagoas. 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1993.

SANTOS, E. F. dos. **A Geografia dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) em Alagoas**: os APLs do setor industrial – 2004/2015. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2014a.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2014b.

SANTOS, M. **Fatores que retardam o desenvolvimento da Bahia**: a falta de indústrias. (Comunicação). Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959. Disponível em: <<http://miltonsantos.com.br/site/de-milton-santos/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2014c.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. **Revista GEOgraphia**. Niterói, v 1, n. 1, p. 7-11, 1999.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Trad. Myrna T. R. Viana. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008a.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L.; SOUZA, M. A. A. de. (Org.). **Território**: globalização e fragmentação. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Anpur, 1996. p. 15-20.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 19. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, [2001] 2016.

SILVA, C. J. da. **Uso do território e industrialização em Alagoas**: a capilaridade da Indústria Alimentícia Popular. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Campus I, Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2019.

SOUZA, M. A. de (Org.). **Território brasileiro**: usos e abusos. 2. ed. Arapiraca: Eduneal, 2017.

SOUZA, M. A. de. Política e território: a geografia das desigualdades. In. Morhy, Lauro. (Org.). **Brasil em questão**: a universidade e a eleição presidencial. v. I. Brasília: Edu-Unb, 2002. p. 283-293.
